

Emma Goldman – Revolução e Desencanto: do Público ao Privado

Elizabeth Souza-Lobo*

RESUMO

Este artigo trabalha a correspondência de Emma Goldman a partir de três temas: o feminismo, a revolução e a política. Trata-se de analisar as relações entre a vida privada e a vida pública no contexto da virada do século, do progressismo e das revoluções, e das paixões de uma mulher, ao mesmo tempo pária e militante.

ABSTRACT

This article analyses the correspondence of Emma Goldman as it bears on three themes: feminism, Revolution and politics. The aim of the essay is to examine the relations between private and public life in the context of the turn of the century, of progressivism and revolution, and of the passions of a woman who was at one and the same time as poucast and a militant.

Não acredito que alguém que tenha vivido tão intensamente quanto eu possa separar ser e fazer.

A reabilitação das biografias como gênero histórico e a difusão das histórias de vida nas ciências sociais, além de tornar leitores e leitoras cúmplices mais ou menos voluntários de “voyeurismo”, atualizam uma discussão teórico-metodológica sobre a recuperação do indivíduo como sujeito da história e da experiência na configuração das relações sociais.

Na fronteira entre as práticas da vida pública e o território obscuro da vida privada, a presença das mulheres como sujeito/objeto destas abordagens parece natural e recebe um espaço próprio e adequado. Assim, se de um lado a *démarche* biográfica ilumina a complexidade das relações entre vida pública e vida privada e das experiências individuais e coletivas, por outro lado ela corre o risco de permanecer um gênero “menor”, domínio em que se

* Depto. Sociologia – FFLCH – USP. Depto. História – IFCH – UNICAMP.

Agradeço ao International Instituut voor Sociale Geschiedenis, especialmente aos funcionários e ao Dr. De Jonge, a possibilidade de consultar a correspondência de Emma Goldman e à Fundação Ford o financiamento desta viagem.

expressam subjetividades, quando não “feminilidades”, cujo estatuto teórico é prejudicado na medida em que ao fazer a crítica da objetividade de fatos ou estruturas, os estudos biográficos terminam caindo na ilusão da reconstrução da subjetividade ou da reprodução por empatia.¹

Colocados os limites da “ilusão biográfica”, restam os seus desafios: “Construir o campo de um itinerário, os espaços e tempos do seu desenrolar”². Esta preocupação orienta este texto sobre os temas da política, da revolução e do feminismo em Emma Goldman³.

Os muitos artigos e algumas biografias escritas sobre Emma Goldman põem em relevo de um lado sua excepcionalidade e sua modernidade. Uma mulher entre dois séculos – expressão da própria Emma –, ela foi ao mesmo tempo parte do século XIX e especialmente do anarquismo com fundas raízes européias voltado para os ideais da liberdade individual e da revolução como processo de liberação individual e coletiva, como recuperação da humanidade natural, perdida no capitalismo industrial. Mas Emma Goldman foi também uma intelectual e ativista do século XX que viveu a era progressista americana, a primeira revolução sexual e as transformações da revolução bolchevique, tanto quanto a década de 30 e a ascensão do fascismo.

Em 1940, quando morreu Emma Goldman, já não havia mais homens e mulheres progressistas, mas homens e mulheres de partido, e os temas que ela desenvolvera em suas muitas palestras tentando mudar a mentalidade de mulheres e homens – o teatro, a literatura, a sexualidade – pareciam-lhe supérfluos ante o mundo ameaçador das ditaduras de direita de Mussolini e Hitler e de esquerda, de Stalin.⁴

Desses dois mundos retenho em primeiro lugar o feminismo: da liberdade e da submissão das mulheres.

¹Cf. Varikas, Eleni: “L’Approche biographique dans l’histoire des femmes” e Planté, Christianne: “Écrire des vies des femmes”, in *Les Cahiers du Grief* n. 37/38, Paris, 1988. pp. 41-56 e 57-75.

²Cf. Bourdieu, P. – “L’illusion biographique”. in *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 62/63, Paris, 1986.

³Ver Goldman, Emma: “Living my Life”, Nova York, Dover Publications Inc., 1970; Drinnon, Richard: “Rebel in Paradise – A biography of Emma Goldman”. Boston, Beacon Press, 1970; Peirats, José – “Emma Goldman – una mujer en la tormenta del siglo”. Barcelona, Laia Editorial, 1983; Wexler, Alice: “Emma Goldman – an intimate life”. New York, Pantheon Books, 1984; Souza Lobo, Elisabeth – “Emma Goldman – A vida como Revolução”. São Paulo, ed. Brasiliense, 1983. Consultei ainda a Kollection Emma Goldman (KEG) – Archief vol. VI(1-2), VII e XIII(A-B), International Instituut voor Sociale Geschiedenis (IISG) Amsterdam, Holanda.

⁴Cf. E. Goldman – carta a Alexandr Berkman, Paris 30/12/1931. Kollection Emma Goldman (KEG), IISG.

As raízes do feminismo anarquista estão profundamente ligadas ao tema da liberdade individual. Apesar de que para muitos anarquistas a família patriarcal permanecesse como referência (em Proudhon e também Kropotkin), foi a partir da reivindicação da igualdade de todos os seres humanos que as feministas e anarquistas criticaram a desigualdade entre homens e mulheres e a dominação sobre as mulheres, desenvolvendo a tese de que é exatamente na sexualidade e nas relações familiares que a hierarquia entre homens e mulheres se constrói, estendendo-se para o conjunto da sociedade.⁵

Sobre isto, as idéias de Emma Goldman, tanto quanto sua (auto) biografia, são ilustrações exemplares. Para ela o casamento era uma armadilha que fazia da mulher uma parasita, dependente do homem.⁶ As malhas desta armadilha estão na institucionalização do amor e da sexualidade, fixando-lhes regras, espaços e tempos que apenas servem para assegurar a dominação masculina, a sua liberdade em detrimento da liberdade das mulheres. Emma Goldman reivindicava para si o direito à sexualidade, à paixão, tanto quanto à política, como dimensões inseparáveis da sua vida. Para ela, sua liberdade enquanto personagem pública implicava a liberdade enquanto mulher independente que rejeitava a hipocrisia do puritanismo. A emancipação⁷ das mulheres não dependia das mudanças institucionais como o voto ou os direitos civis, mas começava nas suas almas.

No discurso de Emma Goldman, a ênfase residia na rejeição da relação entre os sexos em termos de conquistador e conquistada. Nisto seu pensamento é atual, apesar da incompreensão da importância da cidadania política para a emancipação das mulheres. Na sua argumentação, Emma Goldman remetia a subordinação das mulheres na sociedade tanto à dependência econômica quanto à dependência psicológica, o que a distanciava de certos grupos feministas da época, que pretendiam instaurar uma guerra entre os sexos: “É a velha história de algumas das nossas feministas, que, no seu medo de serem dominadas, se tornam dominadoras.”⁸ No mesmo tom é sua observação mordaz, feita num momento em que se encontrava invadida por visitas de várias amigas: “Você concordaria que depõe em meu favor o fato de me constituir numa atração para as mulheres. Talvez elas estejam na mesma posição que eu: porque não atraem mais aos homens, fazem da necessidade uma virtude...”⁹

⁵Cf. Mash, Margareth S.: “Anarchist women (1870-1920). Philadelphia”. Temple University Press, 1981.

⁶Cf. Goldman, E. “Marriage and Love” in “Anarchism and other essays”. New York. Dover Publication Inc., 1969, p. 235.

⁷Goldman, E. “The tragedy of women's emancipation”, op. cit., p. 224.

⁸Goldman, E. a Berkamn. A., Berlim 26/03/1931. KEG – IISG.

⁹Goldman, E. a Berkman. A., Paris, 21/11/1933. KEG – IISG.

As cartas de Emma Goldman datadas dos anos 30 frequentemente trazem estas rápidas observações sobre a velhice no feminino e no masculino, com suas pequenas e grandes diferenças na medida em que as mulheres deixam de existir sexualmente, enquanto aos homens é dada a possibilidade de um eterno recomeçar. “Se eu fosse homem, faria como todos vocês, buscaria uma jovem para amar... mas como mulher isso me é negado”, escrevia, justificando por que comprava a pequena propriedade de St. Tropez, na França, para garantir seu futuro.¹⁰

As teses sobre a dependência afetiva das mulheres, sobre sua condição de objeto de desejo, desenvolvidas por Emma Goldman nos seus anos de luta, se completam singularmente com suas lúcidas observações de velha dama “indigna” que aos 53 anos se permitiu um caso amoroso com “um príncipe encantado sueco de apenas 30 anos”, nas palavras complacentes de um dos seus biógrafos.¹¹

Para esse mesmo biógrafo, Peirats, “os habituais romances de Emma Goldman foram o molho picante de sua vida privada”. Mas se a relação entre vida privada e vida pública foi muitas vezes reivindicada por Emma Goldman, ela também se lamentou em carta a Alexander Berkman de que alguns dos seus críticos haviam dado desnecessária ênfase à sua vida amorosa, quando da publicação de *“Living my Life”*.¹² Berkman respondeu que “o sexo desempenhou um grande papel na sua vida e seu livro seria incompleto se este papel não fosse retratado”¹³. Berkman continua uma interessante discussão acrescentando que para ele “sexo, amor, afeição e paixão têm mais importância para a mulher do que para o homem e incidem na vida pública das mulheres, cujas atividades estão dominadas por uma pulsão insatisfeita, enquanto para os homens isto não se coloca e especificamente não aparece como insatisfação. Na sua resposta, Emma Goldman concorda com Berkman: “O sexo é uma força mais dominante nas mulheres, do que nos homens”. Mas insiste que nem sempre se viu dilacerada entre o amor e suas idéias e que invariavelmente na sua vida, foram as idéias e não os amores que dominaram.¹³

As dimensões da vida privada foram um tema freqüente na correspondência entre Emma Goldman e Alexander Berkman. Berkman, classicamente um homem do século XIX, ao analisar as raízes da rebeldia ou do conservadorismo das mulheres, argumenta com as heranças biológicas na formação de homens e mulheres. Emma Goldman, ao contrário, insiste na

¹⁰Goldman, E. a Berkman, A., St Tropez 24/06/1929. KEG – IISG.

¹¹Peirats, J: op. cit., p. 141.

¹²Goldman, E. a Berkman, A., Paris 25/12/1931. KEG – IISG.

¹³Berkman, A. a Goldman, E., 23/11/1931 e Goldman a Berkman, Paris, 18/11/1931. KEG IISG.

importância do contexto social da infância na formação do adulto, em detrimento dos instintos.¹⁴ O pano de fundo da discussão eram exatamente a análise dos limites e hesitações das mulheres conservadoras, apegadas à formalidade do casamento (era o caso da jovem companheira de Berkman, Emmie). Seriam as mulheres instintivamente apegadas ao casamento, enquanto necessidade de proteção? Emma Goldman acreditava que a cultura, a educação e a vida familiar colocavam simultaneamente os limites e os germes da revolta nas mulheres: eram condicionantes culturais e não biológicos.

Cabe aqui suscitar a problemática das “mulheres excepcionais”, discutida por Eleni Varikas, Michele Riot-Sarcey e Christianne Planté a propósito das mulheres do século XIX¹⁵. As autoras se interrogam sobre as razões que levavam algumas mulheres a escapar da prisão familiar e se tornarem *párias* em relação à sociedade, ou *parvenues* que se diferenciavam das mulheres em geral, espécies de “homem honoris causa”. Nestes casos a condição da excepcionalidade é vivida como uma espécie de expulsão da comunidade das mulheres. Mas se se rejeita a excepcionalidade fundada na oposição falsa entre uma natureza feminina biológica e psicológica, próxima do cotidiano e oposta à masculinidade fundada na razão: se se rejeita a naturalização e biologização das mulheres enquanto seres da natureza, é possível admitir, como Christine Planté que a “excepcionalidade” é uma construção e que “as *mulheres excepcionais* sabem melhor do que ninguém que a ruptura (entre o excepcional e o comum) não ocorre apenas entre a artista, a líder e as massas anônimas e mudas das mulheres, nem apenas entre as *outras e elas*, mas no interior delas próprias”.¹⁶ Emma Goldman certamente subscreveria estas palavras. Foi ao mesmo tempo “mulher excepcional” e “mulher comum”, dividida entre paixão e política ou vivendo a política como paixão, separada das mulheres, cujo “destino” doméstico rejeitou assim como rejeitou a maternidade. Nesse sentido foi uma *pária*.

Mas o termo *pária* aparece na correspondência de Emma Goldman remetido especialmente à sua situação política: “Tornei-me uma *pária*, uma marginal, isto porque tentei ser fiel a mim mesma”.¹⁷ Este é o segundo tema presente na correspondência, tanto de sua obra militante quanto autobiográfica: a representação e a vivência da política.

¹⁴ Goldman, E. a Berkman, 9/4/37.

¹⁵ Cf. Riot-Sarcey, M. e Varikas, E.: “Reflexions sur la notion d’exceptionnalité”. Cahiers du Grief 37/38, Paris 1988, pp. 77-89, e Planté, C.: “Femmes Exceptionnelles: des exceptions pour quelle regle?” idem, pp. 91-111

¹⁶ Cf. Planté, op. cit., p. 11.

¹⁷ Idem, Paris 16/12/1931.

Sem dúvida, a correspondência depois da experiência dramática da “desilusão na Rússia Soviética” é antes de tudo um balanço de alguém que se recusa a se tornar uma “velha combatente” e continua militante até a morte, aos 71 anos, em 1940. Assim, as cartas têm o objetivo de recuperar o passado e manter vivos, quando não os laços políticos, pelo menos os laços afetivos. Mesmo quando está geograficamente isolada no sul da França, Emma Goldman participa dos acontecimentos políticos que envolvem os anarquistas ou simplesmente as pessoas comuns que como ela própria querem opinar e intervir no mundo em que vivem. A partir, principalmente, da experiência na Rússia soviética entre 1919 e 1921 repensa e tenta intervir na discussão sobre os rumos da revolução: “Éramos apenas românticos. Esperávamos que a revolução corrigiria tudo por si só. A revolução provou que isto era falso... Chega de tristeza. Tenho que parar para preparar um bom e honesto jantar ídiche.”¹⁸ Se a política e o cotidiano são temas da correspondência, neste período de balanços os dois grandes assuntos que envolvem justamente os temas da revolução e da política são de um lado a Revolução Russa e em seguida a Guerra Civil Espanhola.

OS DESENCONTROS COM A REVOLUÇÃO

Os dois anos na Rússia soviética provocaram um profundo desacordo com os rumos da revolução russa. Sua crítica centrava-se em primeiro lugar no regime bolchevista “que acorrentou a Revolução, bloqueando a participação do povo, centralizando o poder na máquina do partido, instaurando a repressão”. Denunciava o que ela entendia como uma grande confusão entre o Partido Bolchevique e a Revolução “o que foi o ideal, a expressão livre do operário, do camponês e do soldado se tornou uma farsa”, “a ditadura do proletariado está nas mãos de um pequeno grupo, o círculo interno que sozinho governa a Rússia e o povo”.¹⁹

A desilusão com os rumos da revolução russa não só orienta a ação de Emma Goldman nos anos de exílio (ela e Berkman deixaram a Rússia em 1921), quando se dedica a campanhas para tentar salvar a vida dos anarquistas russos nas prisões e a denunciar o terror, mas é também o tema principal da correspondência, onde se interroga sobre a natureza dos processos revolucionários.

Nestes anos amargos, Emma reelabora sua antiga concepção da revolução: “A onda da revolução que surpreendera a *intelligentzia* russa” era

¹⁸Goldman, E.: “Dos anos en Rusia – Diez articulos publicados en The Workd” Barcelona, Palma de Mallorca. Pequena Biblioteca Calamus Scriptorius, 1978, p. 36.

¹⁹Idem.

por certo avassaladora e se gestara na resistência das massas à exploração. Mas a “explosão violenta destruíra tudo o que fora construído em séculos de dolorosos esforços, não só pela burguesia – como costumávamos afirmar – mas pelo esforço conjunto da humanidade. Neste caso devemos nos tornar bolchevistas e aceitar o terror e todas suas implicações”.²⁰ Trata-se para ela de repensar as relações entre a revolução e o terror. Aquela seria muito mais “um processo essencialmente de reconstrução que destrói o mínimo possível... Insisto que, se podemos mudar os métodos para tratar as questões sociais, também temos que aprender a mudar os métodos da revolução”.²¹ Sua preocupação, em face das lições da revolução russa, era a de encontrar formas para evitar a violência e as perdas de vidas humanas. Isto porque a experiência revolucionária mostrara que o passado não era facilmente eliminado das mentalidades e das práticas de homens e mulheres. Esta era uma das suas conclusões: “Houve um tempo em que pensei que as teorias eram suficientemente fortes para erradicar preconceitos e superstições herdados e adquiridos, mas a vida me ensinou que os homens fazem teorias, mas raramente as teorias fazem os homens”.²²

Assim, por um lado, a revolução era o produto da vontade política, e não o resultado mecânico do desenvolvimento industrial. Por outro lado, na medida em que era também a força devastadora da vontade dos homens e mulheres, seu curso não poderia ser um processo natural, mas uma transformação, a construção de um novo modo de vida. Todo o problema residia na necessidade de manter uma relação criativa entre a vontade do povo e o processo da revolução; por isso Emma insistia na sua crítica ao regime bolchevista que “acorrentara a revolução” e cujo sucesso significara “a morte das forças que poderiam dar à Rússia uma sociedade diferente de qualquer outra jamais tentada no mundo”.²³

Ao final prevaleceram na Rússia as tradições autoritárias e repressivas; a teoria não refizera os homens, e a revolução se perdera. As marcas da desilusão acompanharam Emma Goldman até o final de sua vida e estão presentes na preocupação e na dedicação com que se jogou numa nova causa revolucionária, a Guerra Civil Espanhola. “Minha preocupação com a Espanha quase me consome”²⁴, dizia ela em uma de suas cartas. Ao mesmo tempo Emma e Berkman se sentiam na incômoda posição de dois velhos revolucionários ansiosos por transmitir suas experiências, temerosos em

²⁰Goldman a Berkman, 3/7/28. KEG-IISG.

²¹Idem.

²²Goldman a Vladeck, 12/2/1935. KEG-IISG.

²³Goldman a Wedgwood, 9/12/1924.

²⁴Cf. Peirats, op. cit., p. 287.

fazer críticas, convencidos de que dificilmente seriam ouvidos, porque estavam longe do campo de batalha. Emma desenvolveu então uma atividade febril de solidariedade no exterior e por três vezes viajou à Espanha: em 1936, 1937 e 1938.

Ao entusiasmo pelas transformações revolucionárias, pelas experiências pedagógicas da Escola Nova, ou pelas iniciativas comunitárias, se juntaram às preocupações diante dos rumos do processo político, as concessões feitas pelos companheiros ao participarem do governo republicano, as contradições internas aos anarquistas entre aqueles que queriam retomar a linha clássica de descentralização das decisões e ações e os que entendiam a necessidade de manter um comitê nacional coordenador.²⁵

Novamente se coloca o “conflito interior” diante das contradições entre os direitos individuais e a liberdade, afirmados pelo anarquismo, e a violência da revolução que “nega o que o anarquismo afirma”.²⁶ Por outro lado, critica a opção anarquista em participar do governo: “Meus pobres camaradas fizeram demasiadas concessões”.²⁷

As teses anarquistas sobre a revolução como transformação dos modos de vida e possibilidade de desenvolvimento de liberdade de cada um e de todos, numa sociedade sem dominadores nem dominados, passam pela experiência das revoluções vividas. A utopia é repensada.

RADICAIS DESENCANTADOS(AS)

A correspondência entre Emma Goldman e Alexander Berkman, depois que deixaram a Rússia soviética, é povoada pelas dificuldades financeiras e burocráticas, próprias da condição de dois exilados, ele apátrida, ela inglesa graças a um casamento branco, mas ambos pobres, malvistos por governos e autoridades, e, depois das críticas aos bolchevistas, também malditos entre muitos de seus companheiros. O cotidiano da correspondência é feito de queixas e doenças, de comentários sobre os pequenos trabalhos de sobrevivência, traduções e artigos, sobre a solidariedade dos amigos e as decepções.

Neste contexto, mais uma vez nas cartas de Emma se confundem a pequena história cotidiana com sua trajetória militante. Acompanha-se, quase dia a dia, as reações, as emoções, tanto quanto o lento elaborar das reflexões. Ao mesmo tempo, a vida revisitada se confunde com a análise dos projetos políticos, das ações e de suas repercussões.

²⁵Cf. Peiroits, op. cit., p. 264.

²⁶Goldman a Auntie, 29/5/1937. KEG-IISG.

²⁷Goldman a Wedgwood, 5/2/1925. KEG-IISG.

Se a expulsão dos Estados Unidos em 1919 marcara a passagem do século – dos anos heróicos das lutas anarquistas, da “era progressista e da primeira revolução sexual” – a saída da Rússia soviética inaugurara os anos sombrios. Paradoxalmente a vitória política se tornara para Emma uma derrota pessoal, vivida sob várias dimensões.

Em primeiro lugar, a dimensão da solidão: “No passado tinha a certeza de que os que me criticavam eram da classe predatória, não eram aqueles que eu tratava de ajudar... Não é fácil suportar, depois de 30 anos de total dedicação à causa da humanidade, ver-se incompreendida e só”.²⁷ Na carta a Thodore Dreiser, datada de 1926, observava que nos Estados Unidos vivera cercada de amigos mas que “a *débâcle* russa e a guerra tinham alterado todos os valores, sobretudo os valores de integridade e destemor. As mesmas pessoas que eram minhas amigas estão agora entre os inimigos mais amargos... Isto torna minha solidão mais aguda porque agora são muito poucos os que chamaria de meus amigos, aqueles que realmente se interessam se estou viva ou morta”.²⁸

Assim como as paixões e a política se combinaram em sua vida, a solidão pessoal foi também parte da solidão política. Estes foram anos contraditórios na trajetória de militantes e intelectuais radicais. Por um lado, os intelectuais radicais independentes desapareceram, ou atraídos pela hegemonia dos comunistas bolchevizados se tornaram “*compagnons de route*”, ou permaneceram marginais, *párias*, segundo a expressão de Emma Goldman.²⁹ Os intelectuais independentes se tornaram homens e mulheres de partido: “Todos estão confortavelmente instalados em algum partido, ou organização ou grupo e não serão abalados nem pela mais forte descrição da situação na Rússia. Estou surpreendida em encontrar tão pouca independência de pensamento e ousadia individual diante da terrível aceitação do mito bolchevista”.³⁰

Certamente ocorreu aqui uma modificação na relação entre o “idealismo” e “romantismo” dos intelectuais radicais³¹ e os novos tempos. Os homens e mulheres radicais transformados em quadros de partido eram inevitavelmente integrados e perdiam sua autonomia. Segundo Emma Goldman, “independentemente da qualidade do homem ou mulher que entram na máquina política, ou são corrompidos ou paralisados, incapazes de fazer qualquer coisa... não apenas os conservadores, os liberais ou desonestos, mas mesmo os melhores são engolidos pela máquina política,

²⁸ Goldman a Dreiser, 29/9/1926. KEG-IISG.

²⁹ Goldman a Mollie, 20/11/1935. KEG-IISG.

³⁰ Carta sem data e não identificada, provavelmente de 1934. KEG-IISG.

³¹ Berkman a Goldman, 9/12/32. KEG-IISG.

isto para que não se pense que só os que aderem ao sistema ficam corrompidos”.³²

É preciso analisar a visão catastrófica e sem nuances de Emma Goldman, no contexto da sua experiência na Rússia soviética: o gradativo isolamento, a impossibilidade de crítica, a sensação de inutilidade, que paralisaram sua ação até que ela e Berkman deixaram a Rússia, convencidos da sua impotência, especialmente depois da repressão à rebelião do Kronstadt (1921), quando tentaram ser mediadores entre os marinheiros rebeldes e a direção bolchevista.

Emma Goldman pensou então que já não havia lugar para radicais independentes em face dos novos rumos da política. Quando lhe solicitaram que escrevesse sobre os radicais desencantados, discutiu o tratamento que daria ao tema em muitas cartas trocadas com Berkman. As opiniões divergiam.

Para Berkman: “Não se trata de um desencantamento, prefiro desilusão. Trata-se do radical em geral, especialmente os que acreditaram que uma revolução político-partidária pode mudar radicalmente as coisas. Desiludido com os métodos usados pelos revolucionários políticos. Não estamos desencantados com nossos ideais, apenas desiludidos com o resultado da revolução Russa”.³¹

Enquanto Berkman tratava de circunscrever a desilusão, não com a revolução, mas com os métodos revolucionários, a resposta de Emma era mais patética: “A tragédia do radical desencantado, homem ou mulher, é a tragédia da nossa época, que transformou tudo e todos em máquinas, que não tem espaço para os valores individuais em nenhuma teoria da expressão humana.”³²

Refletindo mais particularmente sobre as mulheres radicais, tema que também lhe fora proposto, considerou-o ainda mais difícil. Isto porque, escreveu, “não existe esta espécie. Tentei encontrar uma mulher que ocupe alguma posição importante nos vários partidos socialistas, que não se tenha reconciliado com a forma assumida pelo radicalismo. Você conhece alguma? Talvez Angelica Balabanova. Mas também ela tem agora seu partido e um trabalho em que acredita e que tem a sorte de poder realizar”.³³

O texto coloca várias questões. A primeira delas seria quase uma interrogação – haveria uma diferença nas trajetórias de homens e mulheres radicais? A primeira diferença é óbvia: havia menos mulheres radicais em posições de destaque nos partidos socialistas e mesmo nos movimentos libertários, e elas eram ainda “mulheres excepcionais” na medida em que sua

³²Goldman a Berkman, jan. 1932. KEG-IISG.

³³Idem.

emergência significava uma ruptura nas relações de poder entre homens e mulheres na época, tanto quanto uma ruptura na forma pela qual homens e mulheres se relacionavam com a vida pública. Mas, se as mulheres radicais eram menos numerosas, eram ainda em menor número aquelas que frente aos rumos da política se mantinham independentes dos partidos. Caberia talvez especular se a mesma relação de poder que excluía as mulheres da vida pública não as tornava mais vulneráveis ou submissas às regras do jogo político, à medida que tinham menor autonomia para se manterem enquanto personagens públicas independentes. Emma apontava que as radicais russas que não se haviam reconciliado com os caminhos da revolução estavam todas nas prisões, ou eram muito idosas para se manterem ativas, o que também sugere que os tempos em que surgiam mulheres radicais eram outros.

Se o tema do desencantamento aparece fortemente vinculado à experiência da revolução russa e mais tarde à espanhola, também a crise do movimento anarquista, as sucessivas derrotas do anarquismo nos Estados Unidos, estava na origem deste desencantamento. Na época do julgamento de Sacco e Vanzetti, Berkman se interrogava: “Onde está o resultado de 50 anos de atividades – não apenas nossa, mas de todos os liberais, radicais e revolucionários?”³⁴ Anos mais tarde, em 1933, Emma lembra em carta a Berkman o sexto aniversário da morte dos dois anarquistas: “A lembrança deles aumentou minha depressão. Provocou-me o sentimento de ser uma louca, querendo continuar a trabalhar por nossas idéias quando nada muda no mundo. Para quê? Gostaria ao menos de fazer as pazes com o mundo como cabe a uma velha senhora. Fico desgostosa comigo mesma, com este fogo que ainda, na minha idade, me consome. Mas o que você quer. Ninguém pode sair de sua própria pele”.³⁵

O desencantamento é o resultado da experiência do isolamento e da impotência em face dos rumos da política: é pensado tanto quanto é vivido e está intimamente relacionado com a reflexão sobre a revolução.

Berkman tentava delimitar o julgamento da revolução russa a uma avaliação impessoal: “Pode ser um pobre consolo para nós individualmente, mas a revolução deve ser julgada em última análise desde um ponto de vista não pessoal”.³⁶ Por isso, considerava que a oposição de Emma aos bolchevistas parecia demasiado sentimental e feminina... “Preciso de provas mais convincentes, e até tê-las não posso honestamente modificar minha atitude. Afinal penso que esta é a diferença entre a mentalidade masculina e a

³⁴Berkman a Goldman, agosto, s/data. KEG-IISG.

³⁵Goldman a Berkman, agosto, 1933. KEG-IISG.

³⁶Berkman a Goldman, fevereiro, 1932. KEG-IISG.

feminina...”³⁷ Berkman era no entanto um crítico agudo da revolução russa e seus argumentos se centravam nos mesmos aspectos que Emma criticava. No prefácio do seu diário escrito na Rússia, entre 1920 e 1922 se propõe a tornar visível a vida das pessoas na revolução, “aproximar o leitor ao povo russo e a seu terrível martírio”, e conclui que “o bolchevismo fracassara completamente e fazia parte do passado: o futuro pertencia ao homem e à sua liberdade”.³⁸

O julgamento da revolução era o mesmo, mas Berkman tentava restringi-lo a uma desilusão com o bolchevismo, enquanto Emma Goldman se interrogava sobre a própria revolução. Ambos viveram o isolamento e a solidão política, mas até o final Berkman foi um homem do século XIX, convencido das determinações biológicas que orientavam o comportamento feminino e tratando de separar seus sentimentos privados de suas opiniões de homem público, enquanto Emma Goldman acreditava antes de tudo na cultura e na experiência que haviam moldado suas opiniões políticas, e na impossibilidade de separar seus sentimentos mais profundos de suas idéias políticas.

CONCLUSÕES

Esta leitura de parte da correspondência de Emma Goldman, centrada nos temas do feminismo, da revolução e da trajetória política, tem como fio condutor pensar a relação entre vida pública e vida privada que marca a trajetória de Emma Goldman.

O feminismo em Emma Goldman é ao mesmo tempo crítica da subordinação das mulheres enquanto seres humanos privados da liberdade e dos direitos individuais. Esta subordinação se constrói na “alma” das mulheres e, se por um lado nas teses das anarquistas feministas a subordinação está enraizada nas relações sexuais, na família e estas deixam de ser privadas e “naturais”, por outro lado a emancipação se torna um problema individual. Nisto Emma Goldman vai mais longe, na medida em que para ela a emancipação se liga à transformação individual e coletiva das mulheres através da sua luta. Mas o fundamental nesta análise está na ênfase dada à relação entre vida pessoal e as idéias e práticas políticas, na forma pela qual a experiência pessoal é vivida e pensada. O feminismo de Emma Goldman está no ser e fazer que se confundem

³⁷Idem, s/data. KEG-IISG.

³⁸Berkman, A.: “Le mythe bolchevik – journal 1920-1922”. Baye, ed. La Digitale, 1987. pp. 22 e 304.

na correspondência tanto quanto nas memórias e nos escritos políticos.

Da mesma forma, as teses sobre a revolução, a crítica da revolução bolchevista e as metamorfoses na sua idéia do processo revolucionário se articulam com sua experiência política. Os rumos da política nos anos 20 e 30 são vividos pelos intelectuais radicais do início do século ou como tempos de engajamento partidário ou sob a representação do radical desencantado que perdeu seu lugar na política. Emma Goldman vê os itinerários individuais de seus amigos e companheiros confundidos ao “mito do partido” como se tivessem perdido o espaço da ação individual, da indignação e dos valores éticos. Completamente subordinados às exigências do jogo político-partidário. Os rumos da política privatizam a personagem pública Emma Goldman, fazendo com que suas relações com a política passem a ser vividas sob a condição de pária. Em alguns momentos, o único espaço de ação política que permanece é o das cartas pessoais. As fronteiras entre público e privado são diluídas, não exatamente no sentido de uma transversalidade entre vida pessoal e vida política, mas no sentido da privatização da vida pública pela exclusão do campo da política.

A correspondência de Emma Goldman, ao relacionar paixão e política, ilumina sua trajetória pessoal de mulher entre dois mundos, a trajetória dos radicais da virada do século e dos anarquistas na Espanha, sob nova luz. Sobre o tema, Hobsbawn relembra o elogio a um anarquista morto: “Quando éramos jovens e a República foi fundada, éramos como cavaleiros medievais, embora também religiosos. Nós ficamos mais velhos, ele não”. Admirável, porém sem esperanças, conclui Hobsbawn sobre o anarquismo.³⁹

As cartas de Emma Goldman provocam a sensação às vezes de cumplicidade, outras de desacordo, outras ainda de uma certa indiscrição envergonhada ou de um profundo respeito, ao falarem dos sentimentos e idéias admiráveis e por vezes sem esperança das mulheres e homens que viveram esta história.

³⁹Cf. Hobsbawn, E.: *Revolucionários*. Rio, Paz e Terra, 1982, p. 91.